

## A CERÂMICA ARTESANAL DE ALVARÃES

Por Manuel Miranda da Costa Pereira\*

Há mais de trinta anos que a actividade de cerâmica artesanal de Alvarães foi extinta, restando hoje ainda na memória colectiva, para além dos vestígios dos antigos fornos, um certo saudosismo, mormente nos poucos sobreviventes que nela trabalharam e nos que a conheceram mais de perto, por isso, julgo que terá interesse recordar essa vivência do povo da Costeira, de Alvarães, que nela teve assegurada a sobrevivência durante muitos séculos, pois foi ocupação útil de um largo extracto da população do lugar, que era o mais carenciado da freguesia. Portanto, em linguagem simples, de acordo com a que era praticada pelos artesãos, vou neste modesto apontamento dar uma ideia do que foi esse labor, lembrando um pouco da história da freguesia, do seu meio social, a forma como era feito esse trabalho, os combustíveis usados no forno, o destino do material fabricado e um glossário dos termos regionais com que os artesãos designavam as ferramentas e os materiais, usados nesses trabalhos. Este trabalho, não tem outra pretensão que não a de alertar os interessados para o valor patrimonial que representa aquele núcleo de antigos fornos cerâmicos, situando-o como ponto de partida para um estudo mais profundo, que deverá ser feito por quem tiver interesse em dar-lhe continuidade.

### Um pouco de história

A freguesia de S. Miguel de Alvarães, como dantes se dizia, situada na margem direita do rio Neiva, já no quarto final do seu curso, confina pelo norte, com as freguesias de Vila de Punhe e Vila Fria, do Concelho de Viana do Castelo;

---

\* Jornalista. Amador da Etnografia.

pelo nascente também com Vila de Punhe e Fragoso, esta do concelho de Barcelos; pelo sul, com a mesma freguesia e tendo permeio o rio Neiva, com Forjães, concelho de Esposende e pelo poente com S. Romão de Neiva, também do concelho de Viana do Castelo.

A origem do topónimo “Alvarães” segundo A. Almeida Fernandes(A) citando Piel, hipótese que o Padre Manuel Martins Cepa, já em 1939 (B) referia, teve a sua origem no genitivo Alvarus, classificando-o como antropónimo, ou seja, em termos práticos, uma “vila” que terá pertencido a um senhor chamado Alvarus (Álvaro). A sua população vive hoje com um certo desafogo graças à industrialização e ao surto migratório ocorrido nos anos sessenta do século XX, embora entre os seus moradores ainda subsistam algumas “bolsas” de pobreza, nada comparável com o que aconteceu até meados desse século, porque nesse tempo o único meio de subsistência era a agricultura, mas como as propriedades estavam só na posse de algumas famílias mais abastadas, aos restantes cabia-lhes a actividade de jornaleiros e esporadicamente o trabalho nos fornos de telha, no lugar da Costeira, lugar, onde as situações miséria eram ainda mais gritantes, porque a acompanhar a fome e por consequência a agravá-la, havia hábito do consumo exagerado de bebidas alcoólicas, sobretudo do vinho.

Constituída pelos seguintes lugares habitados postos por ordem alfabética: Calvário, Chasqueira, Costeira, Igreja, Mereiçô, Outeiro, Paço, Padrão, Paúso, Sardal, Sião, Souto do Monte, Várzea, Viso e Xisto, o seu subsolo é constituído por uma profunda mancha geológica de caulinos, cujo início se verifica no sopé o monte da Padela, na freguesia de Mujães, atravessando depois Barroelas, que terá dado o nome a esta freguesia, seguindo pela parte sul de Vila de Punhe, alongando-se seguidamente por toda a freguesia de Alvarães, até ao rio Neiva, para terminar a poente, já nos terrenos arenosos de Chafé e S. Romão de Neiva. Esta camada geológica de terreno barrento, vai progressivamente subindo à superfície e tem a sua expressão máxima no lugar da Costeira, já perto do rio Neiva, onde é a última camada do subsolo.

A evolução demográfica da freguesia foi lenta, porque segundo nos dá conta Ilídio Ramos (C), “ *no século XIII tinha apenas 21 casais das Ordens*

*Religiosas e além destes havia alguns Cavaleiros*”, mas no século XVI, ano de 1527, já tinha 69 vizinhos; em 1669, 220 fogos; em 1758, 254 fogos e 852 habitantes; em 1890, 320 fogos e 1.249 habitantes; em 1920, 415 fogos e 2.024 moradores; no ano de 1942, esses números eram os seguintes: moradores, 2.262 e fogos (lares ou famílias), 461. Contudo, no VIII Recenseamento Geral da População (D), feito no dia 12 de Dezembro de 1940, a freguesia, nesse aspecto, apresentava outros valores, que me parecem ser bastante úteis para este trabalho, porque foi nessa década que as Telheiras apresentaram o maior movimento de sempre ao longo da sua história. Esse documento dá-nos o seguinte quadro: número de fogos, 498; moradores, 2.154, sendo 943 do sexo masculino e 1.211 sexo feminino, havendo portanto mais 268 indivíduos do sexo fraco, como nessa altura se dizia, números, que nos indicam uma outra realidade daquele tempo, que ainda hoje subsiste, mas com uma expressão mais reduzida, que era haver mais população do sexo feminino do que do masculino, cuja explicação tem a ver com dois factos incontrovertidos: o primeiro, significa que sobrevivia um maior número de crianças deste sexo e existência de mais mulheres e solteiras e viúvas, do que de homens, e, o segundo, tinha como razão directa o início da emigração masculina, que então se processava para o Brasil e para a Argentina, onde ainda hoje há muitos emigrantes da localidade. Dos lugares de Alvarães, a Costeira, era o que apresentava maior densidade populacional, em flagrante contradição com rendimento “per capita”, daí as situações de miséria que se verificavam na altura. Os valores desse censo referentes à Costeira, eram os seguintes: fogos, 146, habitantes, 665; do sexo masculino, 293, do feminino 372 o que significa que haviam mais 79 indivíduos deste sexo e como naquele tempo não havia emprego para a mão de obra feminina, esta situação gerava maior despesa e menos rendimento.

No presente, a demografia da freguesia, apresenta o seguinte quadro: No Censo de 1981: Habitantes: 2.635; homens, 1.254; mulheres, 1.381; residentes, 2.655; famílias 896, edifícios 877; no último censo realizado em 1991, os valores já eram outros: habitantes, 2.485; homens, 1.179; mulheres 1.306; residentes 2.548, famílias 724 e 954 edifícios. Pelo exposto, dando crédito aos valores

apresentados, sabendo-se que este censo apresenta várias discrepâncias em quase todas as freguesias, embora com um carácter de estabilidade, tendo em conta decrescente taxa da natalidade, um fenómeno do nosso tempo, Alvarães, regrediu apresentando os seguintes valores negativos: habitantes, menos, 146, sendo 75 homens e 75 mulheres, residentes, menos, 107, (este valor justifica a igualdade negativa de homens e mulheres); famílias, menos, 172 e o único valor positivo com mais 74, é apenas na rubrica edifícios.

### **O meio social**

Foi exactamente no lugar da Costeira, que num passado longínquo se construíram os fornos das Telheiras, (33) onde durante muitos séculos se fabricou de forma artesanal a “telha vã”, (32) ultimamente conhecida também por “telha regional” e o chamado “tijolo burro”, assim designado por ser um bloco maciço de barro, materiais que estudaremos, bem assim como os seus métodos de fabrico, a forma e constituição fornos e o seu funcionamento, porque são estes os objectivos deste modesto apontamento.

O lugar da Costeira, na época a que me estou a reportar, a década 1935/45, era o lugar mais pobre da freguesia, notando-se até uma certa discriminação feita aos seus moradores, por parte dos seus conterrâneos, devido aos hábitos pouco ortodoxos dos membros daquela comunidade, porque divergiam dos preconceitos morais do tempo, ostracismo, que foi diluindo com o tempo, sobretudo depois do surto da emigração, que veio a melhorar as suas condições económicas, conforme pude averiguar nos meus contactos profissionais com as pessoas de Alvarães durante quase duas dezenas de anos. Por outro lado, durante esse período de tempo, fui também testemunha da sua evolução educacional e cultural, com uma radical mudança dos hábitos daquele extracto da população de Alvarães, centrado na Costeira, para a qual muito terá contribuído a acção enérgica, sem ser violenta, do proprietário do primeiro café que foi instalado no lugar, que de uma forma paciente, mas firme, foi conseguindo modificar os hábitos de bebida dos seus fregueses, erradicando ou pelo menos diminuindo o consumo de bebidas alcoólicas, tanto mais que a melhoria das condições

económicas e sociais a que também assisti, deram-lhe uma certa facilidade e outra perspectiva educacional aos moradores do típico lugar.

As moradias da Costeira, na época a que me estou a reportar, eram então pouco mais do que pardieiros ou simples casebres de um só piso, com o chão em terra batida, construídos em tijolo burro, sem revestimento interior e raramente exterior, cujas divisões eram normalmente uma cozinha, aquilo a que chamavam a sala, um ou dois quartos que davam ligação entre si. Na frente havia sempre um alpendre que servia para toda a espécie de arrumos, construído nos mesmos materiais e todo o conjunto era coberto com a telha local assente em caibros e ripas de pinho, sem forro interior com pedras a segurar os cumes e as beiradas. Hoje, graças ao surto migratório para a Europa dos anos 60/70, todo este panorama se alterou, porque se o lugar está agora despojado das clássicas “telheiras”,(33) em compensação apresenta uma radical transformação urbanística, já que sobre os velhos fornos e as humildes choupanas de outros tempos, levantam-se agora confortáveis moradias, dando ao local o aspecto de um progressivo bairro.

### **Os fornos cerâmicos**

Desde menino me habituei a ligar as telheiras de Alvarães à arte de “caiador”, porque era de lá que vinham as telhas que o senhor José Canão, o caiador das casas do lugar do Forno, em Barrocelas, onde nasci, aplicava nos telhados da nossa casa e anexos, nas reparações dos estragos causados pelos longos invernos da minha infância, por isso, quando há quatro dezenas de anos iniciei a minha actividade profissional em Alvarães, tomei contacto directo com os respectivos fornos e ainda encontrei um em funcionamento, que foi o último a produzir aquele material. Nessa altura, já portador da tineta de ir registando tudo o que me despertasse interesse nas áreas da sociologia, da antropologia e dos valores patrimoniais, foi com naturalidade que a minha atenção se começou a centrar não só nos trabalhos das telheiras, mas também nos aspectos sociais do lugar, tanto mais que na minha actividade profissional tinha necessidade de contactar directamente com as pessoas de todos os extractos sociais da freguesia, daí que,

pude também avaliar e sentir a dureza da realidade social do lugar da Costeira dessa altura, em contraste flagrante com os outros lugares da freguesia. Dentro deste contexto e por mero acaso, foi-me dado assistir à desenfora da derradeira cozedura de telha do último forno que restava em funcionamento e a partir daí pude acompanhar de perto o destino que lhe estava traçado, que afinal era igual ao dos outros espalhados pela vasta área daquele lugar, que era a ruína. Mensalmente lançava sobre ele um olhar, por vezes um pouco distante e também os “cadáveres” dos outros fornos, que em tempos idos tinham sido fonte de trabalho e de subsistência de tantas famílias ao longo de várias gerações, que ali estavam a decompor-se a olhos vistos pela nefasta acção do tempo e pela mão dos homens, que deles iam retirando o que ainda era aproveitável para construção de um muro ou para reparação de um telhado, votando o que deles restava à indiferença, porque alguns, dentro em pouco tempo, já só eram assinaláveis pela espessa cobertura de silvas que ocultavam essas ruínas aos saudosistas que ali trabalharam ou aos observadores mais atentos. Consciente do valor patrimonial daquilo que deles restava, porque constituem hoje a chamada “arqueologia industrial”, em 1978, antes que sobre eles fosse rezado o último “réquiem” resolvi ouvir o senhor Manuel Costa Freitas e sua dedicada esposa, a senhora Maria Santos, que foram dos últimos a abandonar o trabalho dos fornos, visto que ainda estava na minha memória a última fornada de telha por eles trabalhada. Em boa hora o fiz, porque desse encontro e da nossa conversa, resultou para mim um conhecimento perfeito do que era o duro trabalho nos fornos, que dentro da fidelidade que a minha memória me consente e os apontamentos que tomei permitem, vou tentar pôr em letra de forma, tanto mais que em 1981, resolvi completar este estudo, para em Santarém apresentar uma comunicação no “IV Congresso das Associações da Defesa do Património”, em cuja conclusão afirmei: *“Por todas estas razões, mais uma vez insistimos que necessário se torna, tomar urgentemente as medidas que preconizamos, antes que desapareçam do número dos vivos os últimos abencerragens dessa actividade cerâmica, para que as ferramentas que ainda hoje vemos penduradas nos tectos do alpendres, que estiveram no desempenho dessa actividade profissional,*

*não vão engrossar o fogo na lareira, no inverno que se aproxima” (E)*, dado que o último forno existente, já se apresentava nas condições que a fotografia documenta, portanto em adiantado estado de degradação.

Localizados os fornos nas “telheiras”, nome com que o povo das freguesias vizinhas designava o lugar da Costeira, importa salientar a actividade cerâmica que ali funcionou durante muitos séculos, sem que seja possível adiantar quantos, tanto mais que na mesma freguesia de Alvarães, em pelo menos outro local, houve a mesma actividade, conforme foi demonstrado há cerca de duas dezenas de anos, quando foram descobertos vestígios de fornos idênticos, na parte norte da freguesia, bastante longe da Costeira, situados junto ao caminho do “Pinhal do Senhor”, nos limites de Vila Fria já bem perto de Chafé, que pela sua antiguidade os fazem entrar no domínio da arqueologia tradicional, para além deste, também o Padre Cepa na sua Monografia, já citada, refere a existência de fornos nos sítios da “Tintas”, na Chasqueira, e nas “Cruzes Vermelhas”, no Paço, (F) daí, poder-se, se não concluir, ou pelo menos conjecturar, que a cerâmica romana que aparece nos castros do Santinho e de Sabariz e talvez noutro núcleos castrejos do Vale do Neiva, possa ter a sua origem nos barros de Alvarães. Por outro lado, dentro da mancha geológica que referi, existiram fornos cerâmicos em Barrocelas (G), que foram as “telheiras da Força”, cujos vestígios da extracção do barro ainda são assinaláveis e estão situados perto do monte da Força, outeiro, sobre o qual se ergueu até ao princípio do século XX a forca do Couto de Capareiros. Pelo que me chegou por via oral familiar, ainda no fim do século XIX desses fornos, restavam ainda sinais evidentes no lugar do Sião, daquela freguesia, sobre os quais se levantam hoje algumas moradias, situadas perto da depressão existente no terreno, de onde foi extraído o caulino para a sua laboração, no fundo da qual corre agora um pequeno arroio, cujas águas são provenientes de duas nascentes, situadas uma de cada lado das encostas daquela cratera que está prestes a ser eliminada, porque serve de vazadouro de toda a espécie de entulhos (H) .

Voltemos a Alvarães e às sua telheiras. Segundo meu informador, senhor Manuel Freitas, até aos anos cinquenta, o lugar da Costeira, tinha em pleno

funcionamento 25 fornos, cuja laboração estava sujeita às condições climáticas, porque o sol era fundamental para se conseguir uma boa fornada, razão porque durante o Inverno estavam inactivos, mas desde o início da Primavera, até ao fim do Outono estavam em plena laboração e mesmo assim não conseguiam dar saída às encomendas, com o material que era fabricado.

### **Estrutura dos fornos**

Passemos agora à descrição dos fornos, sua construção e funcionalidade. Colocados quase sempre no sentido nascente/poente, vistos ao longe davam-nos o aspecto de um montículo artificial, sobre o qual se erguia um alpendre coberto com a clássica telha ali fabricada, assente sobre quatro colunas feitas em tijolo burro, com 2,60 m. de altura, 9 m. de comprimento, por 3 m, de largura. A cavidade onde era feita a cozedura, ou seja, o forno propriamente dito, tinha as seguintes dimensões: comprimento, 8 m.; largura, 2 m. e de profundidade até ao crivo, 2 m. abaixo dele, havia 0,90 m, de espaço. O forno tinha a parte superior aberta, por onde era feito o carregamento do material a cozer. Como se disse, o forno tinha a abertura ou entrada, designada por “caneja”, (6) com as seguintes medidas: comprimento 2,80 m. altura, 0,90 m e largura 0,80 m, orientada para o poente e estava lateralmente protegida por dois paredões que eram a continuidade da estrutura do forno, cujo interior era forrado em toda a sua dimensão, inclusivamente o fundo, com tijolos. No interior sobre esteios de pedra, a 0,90 m do fundo e fixada nas paredes laterais, havia uma grelha feita em material cerâmico denominada “crivo”, (11) sob o qual ardia o combustível e sobre ele era colocado o material durante a cozedura, “encastelado” (14) de uma forma engenhosa para dar passagem ao fogo, de modo a que penetrasse nos espaços até atingir as camadas superiores. Numa cozedura, a “fornada”(22) poderia receber simultaneamente tijolo e telha, mas neste caso, o tijolo era colocado na camada inferior e a telha na superior.

Lateralmente na parte exterior e em toda a volta do forno, havia uma espécie de bancada com um metro de largura formada por um talude de terra argilosa e consistente em forma de rampa, cuja principal função era conservar a temperatura

dentro das suas paredes e era sobre este espaço que o forneiro vigiava o andamento do cozedura. Da parte superior deste talude, descia-se para a zona da caneja, por uns degraus de pedra, mas entre a entrada da caneja, sobre ela, havia uma bancada com um 1,50 m. de alto e 1,85 m de largura, entre a face da caneja e a estrutura do forno. Sobre toda a estrutura do forno e o espaço de trabalho junto à caneja, havia um coberto com 21 m. de comprimento e 14 m. de largura, com uma altura média, de 4.5m., com a telha da cobertura assente sobre um madeiramento, com as beiradas e os cumes seguros por pedras. Esta cobertura assentava pelo nascente e pelo sul numa parede, pelo poente e norte era aberta, servindo de suporte ao madeiramento, na junção do ângulo, uma tosca coluna de pedra com as dimensões 0,30X053 cm, e com 2,5 m. de altura. Na parede deste aposento havia um poial onde era colocado o candeeiro de petróleo, os fósforos, o tabaco, a saca da broa ou da merenda, o garrafão do vinho e respectiva tigela, "acessórios" indispensáveis para qualquer forneiro que se prezasse. Junto



a esta estrutura e ao mesmo nível, havia outro anexo de menores dimensões que servia para arrecadação das ferramentas, dos materiais laborados e da lenha, dali conduzida para a caneja, por um canal em forma rampa, aberto no terreno.

### **O processo de fabrico**

O barro, matéria prima essencial para a laboração das telheiras, era extraído num amplo espaço do lugar da Costeira, na zona onde assentavam os fornos, em terrenos baldios sob a administração da Junta de Freguesia, que nada cobrava aos ceramistas pela sua utilização. A extracção era feita por processos muito rudimentares, bastando para o efeito abrir no solo um poço com pouco mais de um metro de largura e dois ou três de profundidade e rasgá-lo em galeria, a “céu aberto”, onde era escavada e recolhida aquela matéria prima, que para ser elevada para a superfície, eram usados dois processo diferentes. No primeiro e mais usual, o barro depois de escavado, era colocado em caixotes de madeira rectangulares e depois com o auxílio de um rudimentar sarilho, constituído por um rolo de madeira atravessado nas extremidades por quatro braços em cada uma delas, extremidades, que rodavam sobre duas cruzetas feitas em toros de eucalipto fixadas no terreno da borda do poço, depois, com o auxílio de uma corda com uma ponta fixada no rolo e na outra um gancho de ferro, onde era pendurado o caixote, que descia ao fundo do poço e depois de cheio, com a força de dois homens, que manobravam os braços do sarilho, a corda ia-se enrolando e fazia subir o caixote até ao cimo onde era descarregado, manobra que se repetia até haver a quantidade suficiente para começar a operação seguinte; a outra forma de elevar o barro, era através da rampa a partir do fundo poço para a superfície, onde o barro extraído que era colocado e “gigos”(25) que as mulheres transportavam à cabeça, subindo a rampa até ao o “amassadouro” (2) ou “terreiro da seca” onde o descarregavam, mas este processo que era mais violento e mais moroso, tinha a vantagem de aproveitar o trabalho feminino. No primeiro caso, o transporte do barro da borda do poço para o amassadouro era feito em gigos ou em simples “carrelas”(7) de madeira e nesta modalidade entrava também a mão de obra infantil, porque no fim das aulas os filhos dos

trabalhadores das telheiras também ajudavam no transporte do barro da borda do poço, para o amassadouro. Quando alguma dessas galerias deixava de ter barro com a necessária qualidade para ser laborado, era abandonada e como no inverno se enchiam de águas pluviais, na primavera eram um atractivo para as brincadeiras das crianças e não raras vezes, nelas resultaram mortes por afogamento.

Concluída a extracção do barro era conduzido ao local onde ia ser trabalhado, aí sobre os “calcos”(5) o barro era martelado com “mascotos” (28) de madeira e depois da primeira mascotada havia a “virada”(38) ou seja, com pás e com as mãos virava-se o barro, já a ficar em pasta e era novamente mascotado e só depois é que ia para o amassadouro, que era um largo terreiro endurecido por efeito do calcorrear das pessoas e do gado, iniciando-se a segunda fase, que era estender numa camada uniforme o barro necessário à cozedura, já mascotado, sobre a qual eram lançados baldes de água em quantidade suficiente para o amaciar. Depois com uma junta de gado bovino, conduzida movimento em circulatório, alternado, calcava aquela massa argilosa, periodicamente era regada com mais água, pelo menos durante três horas de forma a torná-la uma massa homogénea e dúctil, perfeitamente amoldável. Terminada esta operação, com o auxílio de sacholas e pás, o barro era novamente amontoado de forma cónica e nesta fase era acamado de uma forma curiosa, porque um ou dois homens, á medida que a massa era amontoada, iam-na calcando, operação que se chamava “tregar o barro”.(36) Depois de amontoado, era hermeticamente fechado com uma camada de torrões ficando a “compor”,(11) durante quase uma semana, tempo necessário para fazer daquela massa um bloco único, do qual era retirada diariamente a quantidade necessária para o trabalho. Com a matéria prima neste estado, iniciava-se a moldagem, actividade que era feita sobre uma tosca banca, construída em tábuas de pinho, para o efeito o artesão tomava nas mãos uma porção de barro, juntava-lhe mais um pouco de água para o tornar ainda mais macio, depois era gradualmente estendido sobre uma “grade”(26) que tinha forma rectangular com as dimensões da telha e com o antebraço protegido pelo “fole”(19) era comprimido numa espessura de 1,5 cm e depois “recortado”,(31)

termo, que significava retirar o barro que sobejava da fôrma. A seguir, com a telha já moldada era colocado sobre uma peça de madeira de fôrma abaulada na parte superior, correspondente ao cancelamento da telha, chamado “formal”, (21) para ser banhado com a “tinta”(34) que era um barro especial colhido nas bouças do Lodeiro, em Barroelas, (I) que depois da cozedura dava à telha a característica cor avermelhada e ainda sobre o formal, era transportada para a “eira”,(13) onde durante dois ou três dias era posta em “estado”, (17) isto é, exposta ao sol para a primeira secagem. Quanto ao tijolo, o processo de moldagem no essencial era o mesmo, só que a grade, como é evidente, tinha medidas mais avantajadas de acordo com as dimensões necessárias, facilitando trabalho até porque não era necessário o formal e também era dispensada a tinta. Todo trabalho de uma fornada, era feito em parceria, constituída no mínimo, por quatro pessoas.

Segundo contavam os meus informadores, muitas vezes com a eira cheia de material a secar ao sol, nas tardes do Outono, inesperadamente surgiam trovoadas e consequentes chuvadas acompanhadas de granizo, se o material não fosse prontamente coberto ou retirado, todo o trabalho se perdia, por isso, era frequente nestas circunstâncias ouvir-se ecoar no lugar em voz desesperada o grito “*aqui d’el-rei, acudam às telheiras*” e logo um mar de gente, homens, mulheres e crianças vindos dos campos onde trabalhavam ou das casas onde se abrigavam, indiferentes á borrasca carreavam o material para debaixo dos cobertos ou cobriam-no com molhos de palha milha e serapilheiras. Esta onda de solidariedade com a gente do lugar, era comum noutras circunstâncias adversas, atitude que fazia dos habitantes do lugar, apesar das carências de ordem material, uma comunidade coesa na defesa o interesse comum, características que ainda hoje mantém.

### **Funcionamento do forno**

Quando o material já estava suficientemente seco ao sol, era iniciada a “enforna”, (15) para ao feito, sob a orientação do “mestre”,(29) que era um artesão mais experiente, a quem cabia a obrigação de ordenar a disposição do carregamento e mandar acender a fornalha, o que só acontecia quando o forno estivesse totalmente carregado e com a canaja cheia de lenha, constituída

normalmente, por ramos de pinheiro ou eucalipto, mas também podiam ser cascas de pinheiro, tojo e até caroços das espigas de milho, gastando nas 48 horas em que o forno ardia para fazer uma cozedura, 20 carros de bois destes materiais. A ordem para o fim do municionamento do forno e conseqüente fecho da caneja, era também dada pelo mestre o que só acontecia ao fim de dois dias de intensa actividade, durante os quais havia sempre um forneiro em serviço durante dia, porque de noite, eram dois os que se revezavam de duas em duas horas, para não correr o risco de adormecerem e deixar “morrer”(30) o fogo perdendo todo o trabalho feito. A missão dos forneiros (23) era municiar o forno, com o auxílio do “forcado” (20) e da “gadanha” (24) não deixar diminuir a intensidade o fogo, o que quer dizer que não podiam deixar a fornalha sem a combustão, para o que suavam a “estiça” (18), porque se tal acontecesse podia estar perdida uma fornada, e por isso, tinham também que ir verificando a evolução do aspecto do material que constituía a fornada.



Ao aproximar-se o termo da cozedura, o mestre ia verificar o estado do material dentro do forno para dar as ordens para o encerramento, o que só acontecia depois de se certificar se antepenúltima, das sete camadas de material já estava incandescente, com a “cor do ferro em brasa”, então, ordenava o fecho da caneja, com um dupla ordem de tijolos consolidados com uma grossa camada de barro, protegida ainda com torrões. Umás horas depois, quando já não restasse material ou lenha em combustão na fornalha e a referida cor tivesse atingido a última camada superior, sobre o material cozido e toda a área superior do forno, era colocada uma cobertura de amplos torrões, com uma textura de ervas espontâneas na parte superior, com as dimensões 30X30 cm e com 7 cm de espessura, porque assim todo o calor do interior se concentrava na camada superior do material. Fechado o forno, durante vinte e quatro horas, ainda ficava um forneiro em serviço, para que a alta temperatura interior não queimasse a camada dos torrões, porque se tal acontecesse, abria-se aquilo a que chamavam “chaminé”(9) e com a perda do calor da combustão, parte da telha e do tijolo não teriam aproveitamento.

Depois de encerrado forno, devido à elevada temperatura que nele se concentrava, eram necessárias quarenta e oito horas, para poder iniciar a descarga. Retirada da camada dos torrões era aberta da caneja, de maneira que o ar circulasse por entre o material sobreposto e uma hora depois, era retirada a camada superior do material, normalmente constituída por telha, mas para o efeito, ainda devido ao aquecimento, os homens faziam-no com as mãos protegidas por pedaços de serapilheira. Nessa operação, sob a vistoria do mestre, era feita a escolha do material, o “limpo”, (27) ou de primeira qualidade, que era o mais perfeito e o de segunda, era aquele apresentava deficiências “esbeçado”, (16) mal cozido ou empenado e cada uma destas qualidades era empilhada separada, porque o de menor qualidade, era vendido a preço inferior. Depois dessa selecção a telha era posta em rimas de uma centena de unidades, para facilitar a contagem no acto da venda. Seguia-se a desenforna do tijolo, que estava como se disse na parte inferior do forno, que nessa altura estava já mais frio devido ao “arejamento”(1) e já podia se retirado com as mãos livres e

era também acondicionado aos centos, de acordo com cada um dos três tipos fabricados. A telha tinha as seguintes medidas: comprimento 48 cm, largura, na parte superior, 14 cm, na inferior 12 cm. No tijolo burro, havia duas medidas um com o comprimento 23 cm, largura, 10 cm e grossura 5 cm., o outro, dentro desta regra, tinha as medidas: 25 cm X 10 cm X 8 cm. A “tijoleira” (35) usada para fazer o lastros dos fornos de cozer broa, tinha as medidas, 30 cm de comprimento, 15 cm de largura e 5 cm de grossura.

Segundo referiu o Freitas (filho), alguns lavadores das redondezas, também laboravam em casa algumas dúzias e telha ou tijolo e quando sabiam que ia ser carregada um fornada, pediam aos forneiros para lhes arranjar um espaço para cozer aquele material, favor que nunca foi recusado, porque nos meses de inverno em que não havia trabalho nas Telheiras, esses lavadores emprestavam-lhes dinheiro necessário para a mercearia e fiavam-lhe o milho para a fornada semanal do pão.

No fim da fornada tudo era aproveitado desde o carvão, à cinza a “borralha” (4). O carvão era vendido a uma das duas carvoeiras que tinham estabelecimento de venda em Viana e a cinza aos lavadores para adubarem das terras.

#### **O destino do material**

O material fabricado nas Telheiras de Alvarães, quer a telha, quer o tijolo, não era gasto só na vasta área o Vale do Neiva, que como se sabe abrange os concelhos de Vila Verde, Ponte de Lima, Barcelos, Esposende e Viana do Castelo, pois o seu destino tinha até rotas certas de distribuição, que eram para Seixas e Lanhelas, no concelho de Caminha; para as vilas de Ponte de Lima, Ponte da Barca, Arcos de Valdevez e até Paredes do Coura. O transporte usado era o daquele tempo – o carro de bois – que como me foi dito pelos meus informadores a viagem até Paredes do Coura na ida e volta levava 48 horas sempre a andar, com tempo apenas para dar de beber e comer aos animais, que para o efeito eram desatrelados dos carros, cuja forragem era transportada no mesmo carro, bem assim como o farnel dos tangedores que eram dois, porque enquanto um segurava sogas na condução dos animais, o outro embrulhado numa manta ou

cobertor descansava sobre a carga, mundano de posição de tempos a tempos. Segundo o filho do senhor Manuel Freitas, também chamado Manuel, chegaram a ter um bom freguês em Campanhã, para onde o material ia de combóio, que além de gastar o material usual, também fabricavam para ele, de encomenda, as “bicas”(3) e os “cúmios”, (12) porque era o fornecedor da cidade do Porto. Em Barroelas, nesse tempo o vendedor era o “Neiva”, no largo da Feira, a loja de ferragens mais antiga da terra.

Quanto aos preços, o senhor Manuel Freitas explicou que em 1938, quando começou o seu trabalho nas telheiras, o cento da telha era vendido a 5\$00, em 1964, a última que fabricou, antes de se empregar na Cerâmica Ceral, o cento foi vendido a 50\$00, portanto, no espaço de 26 anos, o preço subiu dez vezes mais, não me foi possível averiguar o valor da venda, do cento de telha, na última fornada ali fabricada.

### **Conclusão**

Os fornos Cerâmicos das telheiras de Alvarães, embora situados dentro de uma área de terrenos baldios da freguesia, eram propriedade particular, porque a quase totalidade pertencia a abastados lavradores da freguesia, cuja posse lhes veio segundo sei, pelo direito consuetudinário, porque desde tempos imemoriais estiveram na posse dessas famílias através sucessivas gerações, embora quase todos estivessem entregues à exploração de terceiros, mediante a paga de uma renda anual, em cujo contrato, para além da sua conservação, incluía a prerrogativa de os arrendatários terem de fornecer gratuitamente aos seus donos, a telha necessária à reparação dos telhados das suas casas e anexos. No que respeita à sua laboração, quando os fornos estiveram no auge, só cerca de trinta pessoas, de vários agregados familiares, desses rendeiros viviam exclusivamente daquele trabalho, porque os restantes trabalhadores, que nessa altura rondavam a centena, distribuídos pelas vinte e cinco unidades, exerciam a actividade em regime sazonal, o que significa que não existiam nenhum vínculo laboral que lhes garantisse quaisquer direitos sociais, o que de resto era comum nessa época, porque só nos últimos anos de actividade é que a segurança social começou a

ensaiar os primeiros passos. De notar, que naquelas unidades de produção de cerâmica artesanal, todos os que viviam dela exclusivamente, trabalhavam em regime familiar conforme referiram os Freitas, pai e filho, porque o pai, enquanto ali trabalhou, tinha como ajudante a esposa senhora Maria Santos, que repartia com aquele trabalho as tarefas da casa nas quais incluía a criação dos onze filhos, destes, os mais velhos, ainda na infância, nas horas livres das tarefas escolares também ajudavam nos fornos porque: “ *o trabalho do menino é pouco, mas quem o perde é louco*”, foi com este provérbio popular e com as necessidades daquele tempo, que a senhora Maria justificou o trabalho dos filhos. Por sua vez, o senhor Manuel Freitas acrescentou, que também foi em criança que ali começou a trabalhar, porque estava na tradição da família, vinda das gerações mais recuadas que conheceu naquele trabalho, desses, lembrava José Barbosa e o “Tio Põe Lenha” de quem só recordava a alcunha, que lhe veio do seu trabalho de pôr lenha no forno, companheiros de seu avô, José Freitas e seus contemporâneos, que por sua vez a transmitiu ao filho, seu pai, que se chamava José António Freitas, mas na gíria local era conhecido por “José Pisco”, cuja esposa, se chamou Joaquina Costa, ela também trabalhadora nos fornos, portanto, foi com eles, que se iniciou na arte. Esta continuidade vem demonstrar que a técnica de fabrico da telha e do tijolo era transmitida de pais para filhos ao longo das sucessivas gerações, como já afirmei. No caso do senhor Freitas, não teve continuidade, porque como disse, quando se apercebeu dos maus dias que esperavam os trabalhadores da telheiras, ele empregou-se numa unidade de cerâmica industrial, como já referi, de onde se reformou depois de mais de duas dezenas de anos de trabalho, no entanto, não escondia que gostava mais do trabalho dos fornos, do que o da fábrica. Por outro lado, os seus filhos alguns do quais depois de passarem pela mesma fábrica onde o pai trabalhou, emigraram para França, onde com o seu gosto pelo trabalho e dedicação aos patrões, obtiveram uma melhor situação na vida, mais estável e com outras garantias para a educação dos filhos, netos, do meu informador.

Aquí deixo este modesto apontamento sobre o que foram os fornos das Telheiras de Alvarães, que em face do seu valor como património cultural, na

área da arqueologia industrial, devem merecer um estudo mais profundo, por alguém mais abalizado, para que as gerações futuras tenham uma visão segura do que foi esse tempo de dificuldades e por vezes de misérias, em que era incerto o pão de cada dia, para a gente da Costeira, pobre e simples, que dentro dos seus poucos recursos, era dotada de uma generosidade e solidariedade ímpar, trazendo até aos nossos dias e à memória colectiva, o labor de uma actividade que se extinguiu, mas que urge recordar e por em relevo, porque foi essa, sem outra pretensão, a finalidade deste trabalho.

### Notas bibliográficas

- A – Fernandes, A de Almeida - Cadernos Vianenses-1981, Tomo V “Toponímia Vianense – Topónimos Genitivos” Páginas 146-148
- B – Cepa, Manuel Martins (Padre) Monografia de S. Miguel de Alvarães Capitulo I “Origem etimológica” página.10.
- C- Ramos, Ilídio Eurico Gomes, “Roteiro das Terras do Neiva” Alvarães- Jornal de Barcelos (vários números)
- D- VIII Recenseamento Geral da Povoação Volume XVIII - Distrito de Viana do Castelo, página 48 - Instituto Nacional de Estatística.
- E- Pereira, Manuel Miranda da Costa, “Cerâmica Artesanal de Alvarães, na Arqueologia Industrial” – Comunicação apresentada no IV Congresso das Associações da Defesa do Património- (ao serviço do CER- Centro de Estudos Regionais) Santarém 1981.
- F- Cepa, Manuel Martins, (Padre) Monografia citada Capitulo XII – Industrias, Página 159
- G- Pereira, Manuel Miranda da Costa, “Toponímia da Barroelas” Rua das Barreiras, Página 25 – Barroelas 1998.
- H- Pereira, Manuel Miranda da Costa - obra citada, Travessa das Telheiras, página 59.
- I- Pereira, Manuel Miranda da Costa - obra citada, Rua do Lodeiro, Página 43.

## GLOSSÁRIO

*1-Arejamento:* Passagem do ar, através do material já cozido, que entrava pela canjea e saía pela parte superior do forno

*2-Amassadouro:* Local onde o barro era amassado com o gado, que depois de limpo, servia para pôr o material ao sol para a primeira secagem.

*3-Bica:* Telha pontiaguda que era colocada no extremo da fiada., correspondente aos ângulos dos telhados.

*4-Borralha, Cinza:* Últimos resíduos provenientes da queima da lenha ou dos outros materiais de combustão.

*5- Calcos:* A operação com este nome era dada ao trabalho de dois homens que iam calcando com os pés o barro já amassado, colocado num monte.

*6-Caneja:* Porta de entrada do forno, situada junto ao solo por onde era introduzido o combustível e através da qual era avivado ou atizado com o chuço.

*7-Carrela:* Tosco carro feito em madeira, incluídas as duas rodas e o eixo, que servia para o transporte do barro, dos materiais e da lenha.

*9-Chaminé:* Era a abertura espontânea da cobertura de torrões do forno, que eventualmente poderia acontecer por efeito do calor, quando queimasse a camada vegetal dos torrões.

*10-Chuço :* Ferro pontiagudo encabado num numa longa vara de madeira e com o qual era remexida a lenha em combustão, para lhe fazer chegar o oxigénio

*11-Compor, estava a:* Dizia-se do tempo que o barro depois de “trepado”(36) estava coberto com os torrões.

*11-Crivo:* Espécie de grade feita com longas barras de material cerâmico, com abertura suficiente para a passagem do calor e do ar, com as extremidades fixadas nas paredes do forno, sobre o qual assentava o material a cozer

*12-Cúmios:* Telha com uma forma mais arqueada para colocar sobre a junção dos ângulos dos telhados.

*13-Eira ou “terreiro da Seca”:* Era o local onde era amassado o barro antes de ser posto a compor e depois de terminada a amassadura, era limpo para nele colocar a obra já feita, para primeira secagem ao sol.

14-*Encastelar*: Designação dada à operação de colocar o material em sucessivas camadas sobre o crivo, distribuído de forma engenhosa, com os necessários espaços para a penetração primeiro pelo fogo, para a cozedura e depois pelo o ar, no arrefecimento.

15-*Enforna*: Trabalho da colocação dos material laborado, dentro do forno.

16-*Esbeijado*: Esta designação era dada à telha e ao tijolo que na escolha se apresentasse quebrado nas arestas ou nas pontas.

17-*Estado, pôr o material no*: Trabalho de estender o material na eira para a primeira secagem ao sol

18-*Estiça*: Longa vara na ponta da qual estava encabado em ferro pontiagudo para abrir espaço para passar o ar entre o material de queima e dar-lhe “varadas”, (37) que era uma forma de atizar o fogo.

19-*Fole*: Peça de cabedal com a forma do antebraço a ele fixada por cordões, porque era com essa parte do braço, em movimentos verticais e horizontais, neste em arrastamento, que o barro era estendido sobre as formas ou grades.

20-*Forcado*: Peça de ferro forjado com duas hastes e uma espera na parte superior, com um cabo de madeira em forma horizontal, com o qual era transportada a lenha do local de armazenamento e introduzida no forno através da canēja

21-*Formal*: Forma em madeira com a parte superior abaulada, da forma e tamanho da telha, que tinha na extremidade um rabo ou pega redondo, sobre o qual era moldada a telha dando-lhe o necessário canelamento.

22-*Fornada*: Totalidade do material colocado no forno para uma cozedura.

23-*Forneiro*: Era o homem encarregado de municiar e vigiar o funcionamento do forno, mantendo-se atento às fase do desenvolvimento da cozedura, espevitando ou amortecendo o fogo, consoante as exigências da fornada.

24-*Gadanha*: Peça de ferro forjado com três dentes 25 cm, com um cabo de madeira de forma vertical, quer servia para juntar e formar os molhos da lenha para o abastecimento do forno

25-*Gigo*: Recipiente feito em verga de madeira, do tipo cestos de vindima, mas mais pequenos, com duas asas na borda superior, que tanto servia para o transporte de barro à cabeças das mulheres, como para lenha, telha e tijolo.

26-*Grade*: Molde de madeira com a forma e espessura quer da telha, quer do tijolo, dentro do qual e tendo como fundo o tampo da banca de trabalho, aquelas peças eram moldadas.

27-*Limpo*: (material) Designava-se assim a telha e o tijolo, sem defeitos, portanto de melhor qualidade, ou de “primeira escolha” na linguagem técnica da profissão.

28-*Mascoto*: Maço de madeira, com um cabo, que servia para esmagar os blocos de barro, reduzindo-o a pequenas partículas para uma melhor amassadura.

29-*Mestre*: Assim era designado o oficial mais experiente na arte das telheiras, cabendo-lhe a função de dirigir todos os trabalhos, desde a extracção do barro até á desenforma do material pronto.

30-*Morrer*: Aplicava-se este termo quando o fogo diminuía a intensidade e baixava a temperatura no interior do forno.

31-*Recortado*:- Palavra que significava, retirar a massa que sobrava do molde da telha ou do tijolo.

32-*Telha regional* ou “*telha vã*”: A telha fabricada de forma artesanal nas Telheiras.

33-*Telheiras*: Local onde existiam os forno cerâmicos, também referido como topónimo correspondente ao lugar da Costeira.

34-*Tinta*: Esta substância, era o ocre amarelo-claro, que diluído em água servia para banhar a telha, dando-lhe depois de cozida a cor vermelha que a caracterizava. Esta espécie de barro era colhida nas bouças denominadas do Lodeiro, situadas entre os lugares do Sião e do Forno, em Barroselas.

35-*Tijoleira*:Era a característica lajes de tijolo, de forma quadrada ou rectangular, usadas no lastro dos forno de cozer pão.

36-*Trepar o barro*: Depois de amassado o barro era posto num monte, com dois homens a calcá-lo com os pés, ante de ser coberto com torrões.

37-*Varadas*: Pancadas dadas com a estija na lenha, para comprimir de forma a que o fogo lhe chegasse com mais facilidade.

38- Chamava-se assim o acto de dar um mexida no barro, sobre o calco, para ser novamente mascotado.

### **Informadores que trabalharam nos Fornos**

Manuel Costa Freitas - Operário Cerâmico

Maria Costa Santos -(esposa) Doméstica

Manuel Santos Costa Freitas- (filho) Ex-Emigrante

Domingos Peixoto Meira - Lavrador

### **Nota Final**

Com este trabalho concluído, no dia 4 de Setembro de 2000, desloquei-me à Costeira, com o intento de trocar as impressões finais com o meu informador, senhor Manuel Freitas e meu espanto foi enorme ao saber que já não pertencia ao número dos vivos, porque falecera há pouco menos de um ano, no dia 23 de Dezembro de 1999, bem assim como a sua esposa a senhora Maria Santos, que teve o seu destino final no dia 8 de Maio de 1998, por isso, os pormenores que buscava, fora-me confirmados por seu filho mais velho, Manuel Santos Costa Freitas, de 62 anos de idade, que como disse também foi trabalhador dos fornos.

Por outro lado, confirmei a informação que me tinha chegado, de que um dos fornos fora restaurado pela Junta de Freguesia de Alvarães, com o apoio da Câmara Municipal de Viana do Castelo, contudo, pela minuciosa observação que lhe fiz e pela informação do vizinho do local, que também trabalhou nos fornos, senhor Domingos Meira, não está a servir a necessária função pedagógica que lhe era destinada, porque está a servir de armazém de velhos materiais, descaracterizando a sua autêntica finalidade, tanto mais, que não houve a sensibilidade necessária para a recolha das ferramentas e alfaias, que segundo os meus informadores ainda existem e que deveriam ser colocadas na área do forno, em permanente exposição. A acrescentar a tudo isto, não há na vizinhança uma chave para abrir os cadeados que fecham a cerca que o envolve, para serem mostrados às crianças das escolas e aos estudiosos, que com frequência ali se deslocam para os observar, no entanto, na minha opinião, o trabalho feito prol da defesa daquela arte tradicional, já é de muito interesse, convém completá-lo e dar-lhe a devida divulgação e necessária assistência.